

ONTOLOGIA NO PRIMEIRO WITTGENSTEIN

Aluno: Leandro Pereira Rodrigues E-mail: oleandroprodrigues@gmail.com

Orientador: Orlando Bruno Linhares

RESUMO

Este artigo trata do primeiro Wittgenstein, ou seja, versa sobre a obra *Tractatus Logico-Philosophicus* (1921). O mesmo é composto por duas seções. A primeira discorre acerca da problemática primária e fundamentadora: o *espaço lógico*. A segunda aborda a problemática do fundamento ontológico: *coisas, estado de coisas, figuração, fatos e mundo*.

Palavras-chave: Wittgenstein. Tractatus Logico-Philosophicus. Ontologia

ABSTRACT

The present article analyzes the first Wittgensteing, that is, the *Tractatus Logico-Philosophicus* (1921) work. It consists of two sections. The first one states about the primary and fundamental problem: the *logical space*. The second one addresses the problem of the ontological foundation: *things, state of things, figuration, facts and world*.

Keywords: Wittgenstein. Tractatus Logico-Philosophicus. Ontology

1. Introdução

Este trabalho é o aprofundamento da minha Iniciação Científica intitulada *Pensamento, Linguagem e Mundo no Primeiro Wittgenstein*¹, e tem o objetivo de analisar a ontologia do primeiro Wittgenstein.

Este artigo trata do primeiro Wittgenstein, ou seja, versa sobre a obra *Tractatus Logico-Philosophicus* (1921)², e analisa as questões ontológicas. O mesmo foi elaborado por meio de duas seções. A primeira discorre acerca da problemática primária e fundamentadora: o *espaço lógico*. A segunda aborda a problemática do fundamento ontológico: *coisas, estado de coisas, figuração, fatos e mundo*.

Estudar um autor de maneira analítica, exige a delimitação de uma zona preambular das análises. A zona preambular constituinte da fronteira para adentrar o interior do pensamento do autor do *Tractatus Logico-Philosophicus* é a proposição. Ao compreender a proposição wittgensteiniana, elemento mais fundamental da obra, podemos entender o sentido dos desdobramentos resultantes das causas últimas do pensamento deste filósofo.

Primeiramente abordaremos nesta introdução as três características essenciais para a compreensão do *Tractatus Logico-Philosophicus*: 1. problema, 2. método filosófico, e 3. proposição. Em seguida, nas seções dois e três, trataremos dos elementos que compõem a ontologia do primeiro Wittgenstein, objetiva-se, portanto, apresentar uma análise onde a significação desses elementos ontológicos seja elucidada.

1.1. Problema

Ao analisar o primeiro Wittgenstein – sem perdê-lo em sua perspectiva filosófica genuína – é imprescindível considerar o problema central e norteador das suas investigações: o problema fundamental de Wittgenstein são os problemas filosóficos. Aqueles problemas que podem ser estudados ou resolvidos exclusivamente pelo pensamento – ou seja, não recorrendo à experimentação científica.

1. RODRIGUES, L. P.; LINHARES, O. B. PENSAMENTO, LINGUAGEM E MUNDO NO PRIMEIRO WITTGENSTEIN. In: XVIII - JORNADA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA - JIC - 2022, 2022, São Paulo. Programa Institucional de Iniciação Científica - ISSN 2526-4699, XVIII - JORNADA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA - JIC - 2022, 2022.

2. Nesse artigo usaremos a abreviação TLP para se referir ao *Tractatus Logico-Philosophicus* – edição brasileira Edusp (2020) – seguido do aforismo correspondente quando necessário, por exemplo, (TLP, 2.15)

Wittgenstein escreveu em 1918 em Viena o que viria a ser o problema fundamental do TLP. A afirmação contida em seus escritos, três anos mais tarde, constituiria o prefácio da sua obra:

O livro trata dos problemas filosóficos e mostra – creio eu – que a formulação desses problemas repousa sobre o mau entendimento da lógica da nossa linguagem. (TLP, Prefácio, p. 125)

Portanto, a compreensão dos problemas filosóficos demanda criticar a linguagem ordinária, pois “desconfiar da gramática” para Wittgenstein “é o primeiro requisito para filosofar” (Cadernos, 1913, p. 155). Wittgenstein nos diz:

Para evitar [...] equívocos, devemos empregar uma notação que os exclua, não empregando o mesmo sinal em símbolos diferentes e não empregando [...] da mesma maneira sinais que designem de maneiras diferentes. Desenvolver uma notação, portanto, que obedeça a gramática *lógica* – à sintaxe lógica. (TLP, 3.325, grifo meu)

Wittgenstein evita as interpretações ambíguas da linguagem ordinária presentes nas sentenças com o propósito de destituir qualquer ambiguidade, evidenciando o contrassenso contido na sentença. Nesse sentido, o autor sugere a substituição da gramática convencional que aprendemos na escola por uma gramática lógica. O entendimento do TLP passa pela compreensão dessa gramática lógica.

Russell, na introdução do TLP, afirma que “para entender o livro do Wittgenstein” diz:

É necessário entender o problema que lhe importa. Na parte de sua teoria do Simbolismo, importam-lhe as condições que teria que cumprir uma linguagem logicamente perfeita (TLP, Introdução, p.107).

Com a pretensão de evidenciar o contrassenso em textos filosóficos, por meio da perspectiva wittgensteiniana respaldada pelo rigor da sintaxe lógica, tomaremos um texto clássico da filosofia platônica: *A República* de Platão. Esta obra aborda no livro VII a *teoria das ideias* que constitui um texto modelar de origem epistemológica. Vejamos como o ateniense concebe a definição da verdade:

No mundo inteligível, a ideia do bem é percebida por último e a custo, mas não se pode percebê-la sem concluir que é a causa de tudo quanto há de direito e belo em todas as coisas; que ela engendrou, no mundo visível, de luz e do soberano da luz; que, no mundo inteligível, ela própria é soberana e fonte imediata da verdade e da inteligência.³

A afirmação dogmática do autor de *A República* consiste em: *ser a ideia do bem, no mundo inteligível, a fonte da verdade*. A sentença propositiva similar pode ser descrita como “a representação mental de algo fundamentada na ideia do bem é fonte da verdade”.

Por Wittgenstein no TLP entender que a sentença propositiva acima não pode ser válida, o autor a define como um contrassenso, pois o uso da palavra ‘bem’ é polissêmico. A polissemia inerente desta palavra possibilita seu emprego de diferentes maneiras.

Por esta razão, aferi os princípios do *modus operandi* de Wittgenstein, estabelecidos no aforismo 3.325.

Desse modo, a proposição não poder ser válida. Enquadra-se assim no que Wittgenstein chama de contrassenso. Wittgenstein concordaria com esta análise pertinente à dogmática *ideia do bem* exposta acima, afirmaria ainda que “assim nascem facilmente as confusões mais fundamentais (de que toda a filosofia está repleta)” (TLP, 3.324).

1.2. Método filosófico

O método filosófico wittgensteiniano é, por excelência, o método analítico por meio da lógica e linguagem. Marcondes (2004, p.11), discutindo acerca do tema entende que o método-analítico-filosófico surge com a Filosofia Analítica no final do século XIX, especialmente com George Edward Moore e Bertrand Russell, como uma resposta às correntes dominantes na Grã-Bretanha: o idealismo absoluto de inspiração hegeliana; e o empirismo psicologista influenciado por John Stuart Mill.

Embora o método analítico tenha surgido com a Filosofia Analítica no final do século XIX, a Filosofia Analítica contemporânea progenitora deste método analítico integrante em Wittgenstein ainda possui inúmeras perguntas sem respostas precisas. As respostas para as perguntas “Filosofia analítica é ...”, “Filósofos analíticos fazem ...” e “Um filósofo analítico jamais ...” são bastante ardilosas. Hans-Johann Glock na sua obra *O que é Filosofia Analítica*⁴

3. República, VII, 517c 2-7

4. Cf. GLOCK, H.J. O que é Filosofia Analítica? In: _____. **A virada linguística**. Porto Alegre: Penso, 2011. p. 40-44

(2011) aborda essas questões que por motivo de escopo se apresenta ausente deste trabalho.

O que cabe contextualizar é que o método analítico é utilizado desde a Grécia Antiga e desemboca na contemporaneidade com expressiva força devido à *virada linguística* ocorrida na Inglaterra nas universidades de Cambridge e Oxford no século XIX.

Supra importante é compreender que o método analítico – aquele cujo Wittgenstein opera – pós *virada linguística* implica em fazer uso da lógica como meta-ferramenta de análise. Em outras palavras, por meio da lógica analisar-se-iam os termos individuais e conceitos, além de suas implicações lógicas internas e externas com o intuito de alcançar o problema em sua profundidade natural e trazê-lo à superfície.

A possibilidade de trazer um problema à superfície permite projetar um espaço representacional na própria superfície que explica a relação causa e efeito de uma ocorrência dada – torna mais fácil a operabilidade do domínio do problema.

O peixe-bolha (*Psychrolutes marcidus*) é um dos peixes mais raros do mundo. Eles vivem nas profundas águas submarinas de países como Tanzânia e Austrália. Estudá-los e compreendê-los na perspectiva fisiológica em seu habitat natural é impossível, faz-se necessário submetê-lo à superfície. A filosofia é repleta de peixes-bolha. A partir do século XX – com Wittgenstein – concebeu-se uma nova forma de estudá-los: através do método analítico, por meio da crítica da linguagem.

1.3. Proposição

Todas as concepções filosóficas contidas no TLP partem de uma proposição ou chegam em uma proposição. Pinto (1998, p.147) chega até a comentar “não é à toa que um dos títulos cogitados por Wittgenstein na época da publicação do *Tractatus* foi ‘A Proposição’ (‘der Satz’)”.

É possível afirmar que Wittgenstein encontrou um novo ponto de partida para a filosofia: a proposição. Em seus Cadernos, no dia 22 de janeiro de 1915, Wittgenstein escreveu: “Toda a minha tarefa consiste em explicar a natureza da proposição.” dado que para Wittgenstein “especificar a essência da proposição significa especificar a essência de toda descrição e, portanto, a essência do mundo” (TLP, 5.4711).

A proposição a que se refere Wittgenstein é a mesma que conhecemos na lógica⁵: sentença passível de validação ou não; como, doze é igual a três vezes quatro podendo ser escrito como $12 = 3 \cdot 4$. No entanto, Wittgenstein extrapola a fronteira clássica da lógica, conferindo à proposição outra responsabilidade: a *representação* da realidade. No entendimento de Wittgenstein “a proposição é uma figuração da realidade” (TLP, 4.01). Nesse sentido, Wittgenstein propõe que:

A proposição figura uma imagem da realidade, isto é, uma proposição é algo no mundo. À primeira vista, a proposição – como vem impressa no papel – não parece ser uma imagem da realidade. Mas tampouco a escrita musical parece ser uma figuração da música. (TLP, 4.011, grifo meu)

O logicismo de Wittgenstein, fundamentado na proposição, cria uma espécie de configuração lógica – chamada pelo autor de *figuração* – que possibilita e modulariza a natureza das *coisas* dentro do *espaço lógico* – a *figuração* e o *espaço lógico* serão explicados mais adiante.

Wittgenstein no TLP implementou um sistema de representação que expressa proposições com o intuito de mostrar em qual circunstância uma determinada coisa existe, inexistente ou não pode existir. Desse modo, através dessas três possibilidades se configura o *estado de coisas* e garantir-se-ia a representação do *mundo* por meio da relação lógico-linguística, visto que o *mundo* não pode ir para além desse *estado de coisas*.

Afim de demonstrar esse sistema de representação, tomamos como exemplo uma proposição elementar da geometria. Assim, por exemplo, o ponto A e o ponto B são variáveis cujo valores pertencem ao conjunto dos números naturais, ambos pontos formam um segmento de reta onde a distância entre o ponto A e B deve ser 4 centímetros $\overline{AB} = 4$. Ao atribuímos valores às respectivas variáveis de maneira a satisfazer a proposição expressa acima, teríamos por exemplo $A = 10$ e $B = 14$ | $10 - 14 = -4$ | $|-4| = 4$; lê-se A e B pertencem ao segmento de reta e existem infinitos A e B cujo módulo da diferença vale 4.

Ao observar o *mundo* à nossa volta, quantas *coisas* do *mundo* podem representar – Wittgenstein diria *afigurar* – essa proposição geométrica na realidade? Possivelmente o ponto de início e fim de alguma palavra desse texto ou a distância entre duas teclas do teclado entre

5. A lógica tem por objetivo estudar os critérios de legitimidade dos argumentos, sem considerar a verdade ou falsidade das asserções que o compõem. Hegenberg (2015, p. 9)

outras *coisas* que você esteja vendo ou pensando neste momento. Ao pensar nesta única proposição elementar, podemos representar um *mundo* que existe, inexistente ou não pode existir. Em outras palavras, existe uma realidade atrás dessa única proposição que acessamos através da linguagem pelo pensamento por meio da lógica.

Demostrou-se assim o sistema de representação através de uma única proposição elementar. Ora, se existisse apenas essa única proposição, o *mundo* seria de linhas retas. No entanto, o *mundo* é bem mais complexo e vai além dessa única proposição – ou de linhas retas. Wittgenstein imaginou um *mundo* onde uma representação da realidade pode depender de um enlace de proposições: das mais genéricas às mais elementares e específicas. Onde uma proposição chamaria outra proposição que chamaria outra proposição *ad infinitum*.

Primordial é considerar que tudo que está no *mundo* primeiro parte da proposição, pois a proposição espelha a realidade e vice-versa. Assim sendo, independente de quão complexa a realidade se apresente, ela partirá de uma proposição. Para Wittgenstein, sem a proposição não existiria o *mundo*.

2. A problemática primária e fundamentadora: o espaço lógico.

O princípio fundamental que norteia e constitui o pano de fundo do TLP é o *espaço lógico*. O *espaço lógico* é uma abstração lógica na esfera intralinguística, atuando como uma gramática lógica, onde as proposições são arranjadas dentro da sentença. De maneira didática, Costa (2016, p.27), ao comentar o *espaço lógico*, o descreve como uma espécie de “coordenada”⁶ formada pela existência e inexistência de *estado de coisas* (TLP, 2.06).

Wittgenstein não exemplificou o *espaço lógico* por meio de demonstrações concretas. Com o intuito de exemplificar o *espaço lógico* didaticamente, podemos conceber o *espaço lógico* como sendo o tabuleiro de xadrez, o qual chamaremos de *espaço lógico enxadrístico*. O *espaço lógico* de Wittgenstein é uma grade fixa do *mundo*, o tabuleiro de xadrez é uma grade fixa de um jogo. A ideia de *espaço lógico* de Wittgenstein é universal enquanto a do xadrez é particular, logo o *espaço lógico enxadrístico* está contido dentro *espaço lógico*, pois nenhum *espaço lógico* particular escapa da concepção do *espaço lógico* universal do TLP, uma vez que o primeiro está representado pelo último.

6. Podemos pensar o espaço lógico como uma tabela dividida em duas colunas que informa a possibilidade de existência e inexistência de um determinado *estado de coisas*. Por exemplo, que o estado de coisas ‘a’ existe e que ‘ \neg a’ não pode ser configurado.

O tabuleiro de xadrez possui 64 casas, portanto, é uma grade fixa. As peças de xadrez representam as *coisas do espaço lógico enxadrístico* e essas *coisas* possuem estados. Assim sendo, um peão pode existir em uma determinada posição no tabuleiro ou inexistir, bem como não pode existir⁷. Um exímio praticante da Arte de Caíssa, antes de enveredar-se em um ataque, configura mentalmente uma combinação de movimentos de peças, calculando não apenas as possibilidades de suas próprias peças, mas também as de seu oponente, dentro da possibilidade do *espaço lógico enxadrístico*.

O *espaço lógico enxadrístico* é um esforço em uma esfera pormenorizada de evidenciar um *espaço lógico* particular. Wittgenstein, ao abordar o *espaço lógico*, o observa em uma perspectiva universal na qual se considero todas as possibilidades combinatórias de todos os objetos, sejam lá quantos eles forem, então tenho o espaço lógico (TLP, 2.013).

Corrêa (2009) ao comentar a visão de Wittgenstein, contida no aforismo 2.013 reforça que:

O somatório de todas as possibilidades combinatórias dos objetos é, portanto, o *espaço lógico*. Como qualquer porção do mundo a ser representada está imersa no *espaço lógico*. [...] A forma lógica, portanto, é a forma lógica do *espaço lógico*. (CORRÊA, p. 429)

3. A problemática que se refere ao fundamento ontológico de sua filosofia: 1) coisas, 2) estado de coisas, 3) figuração, 4) fatos e 5) mundo.

Na concepção de Wittgenstein, o *mundo* – dentro do *espaço lógico* – é constituído de *fatos* e *coisas*, e os *fatos* – em uma visão ontológica – são mais fundamentais, pois um *fato* representa um agregado de *coisas*. Temos no *estado de coisas* todos os estados de uma ou mais *coisas* que representa um *fato* e, por conseguinte, todos os *fatos* representam o *mundo*. Com o intuito elucidar esses conceitos contidos no TLP, abordaremos cada um deles por vez.

7. Um peão não pode existir na oitava fileira, contraria a regra do jogo de xadrez; portanto, afirmar a existência ou a inexistência de um peão na oitava fileira é um contrassenso, pois uma vez que o peão avança à oitava fileira ele deve ser substituído imediatamente por outra peça, excetuando-se um rei que sempre existirá no jogo.

3.1. Coisas

A *coisa* no TLP é um dos elementos mais discutíveis, pois não existe na obra uma definição precisa. Podemos entender a *coisa* como um objeto. Child reconhece essa dificuldade em dizer o que são os objetos para Wittgenstein:

Wittgenstein não diz que tipo de entidade ele considera que um objeto seja; ele não oferece quaisquer exemplos de objetos, sem quaisquer exemplos de nomes. Requereria um processo de análise lógica. (CHILD, 2013, p. 50)

Uma característica dos objetos é ter sua existência apenas dentro de um *espaço lógico*, como esclarece Wittgenstein:

Não é preciso, por certo, que a mancha no campo visual seja vermelha, mas uma cor ela deve ter: tem a sua volta, por assim dizer, o espaço das cores. O som deve ter *uma* altura, o objeto do tato, *uma* dureza, etc. (TLP, 2.0131)

Dito em outros termos, “é só no contexto da proposição que um nome possui referência” (TLP, 3.3). Edgar Marques (2005, p.29) reitera: “isso significa que um nome isolado não designa o objeto, fazendo-o apenas quando inserido em um signo proposicional”.

Outra característica é a forma, “a possibilidade de seu aparecimento em estado de coisas” como duro ou alto etc. “é a forma do objeto” (TLP. 2.0141).

Ao versar sobre a natureza da *coisa* no TLP, Wittgenstein realiza o emprego desta palavra em diferentes contextos e formas, relacionando-a bastante ao conceito de objeto. Destacaremos a seguir os aforismos daquilo que representa a *coisa*:

(1) “O objeto é simples” (TLP, 2.02)

Significa dizer que o objeto ou a *coisa* é a menor parte possível de algo analisável.

(2) “Se as coisas podem aparecer em estado de coisas, isso já deve estar nelas” (TLP, 2.0121)

Esclarece que se A é ‘A’, significa que ser ‘A’ é subsistente de A.

(3) “Os objetos constituem a substância do mundo.” Os objetos simples são inseparáveis e “por isso não podem ser compostos” (TLP, 2.021)

(4) “Para conhecer um objeto na verdade não preciso conhecer as suas propriedades externas – mas preciso conhecer as suas propriedades internas.” (TLP, 2.01231)

Então se a *coisa* é um objeto, de que objeto estaríamos falando e em quais categorias estariam eles inseridos? Por um lado, considerando a problemática do TLP que é apresentar

uma teoria ontológica, bem como, por outro, as cartas trocadas entre Wittgenstein e Russell e o próprio Cadernos de Wittgenstein, podemos defender que os objetos em Wittgenstein apresentam-se em quatro categorias: (1) *objeto de percepção sensível* – como uma agulha; (2) *objeto de não percepção sensível* – como a teoria atômica de Bohr; (3) *objeto da linguagem* – como os substantivos e, por último, (4) o *objeto do pensamento* – como a *figuração* de um *fato*.

O *objeto de percepção sensível* refere-se aos objetos que podemos percebê-los através dos nossos sentidos. Ao mencionarmos esta categoria, citamos a agulha como exemplo. Existem inúmeras categoria de agulhas com função específica para determinada tarefa. Algumas propriedades inerentes dessa matéria é possuir volume, extensão, ocupar espaço, possuir um grau de resistência, bem como um grau de oxidação entre outros. Essas propriedades possibilitam a nós, seres humanos, perceber o objeto através da visão dentro de uma distância específica ou por meio do tato ao tocá-lo.

O *objeto de não percepção sensível* está diametralmente oposto à categoria de *objeto de percepção sensível*. Em outras palavras, pertence ao campo conceitual. A teoria atômica de Bohr definiu a órbita dos elétrons, o átomo possui sete camadas eletrônicas que acomodam um número determinado de elétrons, essas camadas são designadas pelas letras: K, L, M, N, O, P, Q. Porém, mesmo com o advento da ciência e com os microscópios mais modernos nós não conseguimos visualizar o átomo, sabemos que as setes camadas do átomo estão lá, mas não podemos percebê-las através dos sentidos.

O *objeto da linguagem* equivale a representações da língua escrita, representado por toda a sorte de classificações morfológicas e sintáticas advindas de diferentes culturas. São signos desenvolvidos através de uma codificação, esses signos são transmitidos por meio de uma mensagem entre um receptor e um transmissor, a transmissão desta mensagem ocorre devido tanto o receptor quanto o transmissor saberem os mecanismos para decodificar a mensagem em uma sentença com sentido.

O *objeto do pensamento* é aquele pelo qual Wittgenstein fez o maior uso em sua própria obra. A *figuração* e o *fato* são exemplos de *objetos do pensamento*, esses dois conceitos serão abordados com um nível maior de detalhe nas páginas seguintes. Quando relacionamos uma representação de uma ideia com a representação de outra ideia e produzimos um novo juízo acerca de uma hipótese estamos operando por meio de *objetos do pensamento*.

Como poderíamos analisar essas quatro categorias de objetos expostas nos quatro parágrafos anteriores? Uma maneira é por meio de uma visão de cima para baixo, observando o objeto de suas características mais externas às mais internas. Outra possibilidade, seria por meio da visão de baixo para cima ao observar as características atômicas e posteriormente buscar as características mais genéricas. De uma forma ainda mais complexa analisaria utilizando-se das duas formas citadas acima através de uma classificação lógica que daria maior importância a um tipo de análise em detrimento de outro levando em consideração o objetivo de análise.

O brilho da filosofia de Wittgenstein no campo que concerne ao objeto é que o objeto – como vimos – cobre tudo o que existe no *mundo*. Isto é, tudo é objeto. Pode-se analisá-lo na perspectiva do maior para o menor, do genérico ao específico ou do universal para o particular e, também inversamente, ou seja, do menor para o maior, bem como do específico para o genérico ou do particular para o universal. O sentido da análise dependerá da escolha de um dos dois modelos analíticos expostos no parágrafo acima.

3.2. Estado de coisas

O *estado de coisas* como observado anteriormente é o resultado da configuração dos objetos. Wittgenstein enfaticamente diz que “o estado de coisas é uma ligação de objetos (coisas)” (TLP, 2.01). Ademais, o *estado de coisas* possui uma estrutura, sendo assim “A maneira como os objetos se vinculam no estado de coisas é a estrutura do estado de coisas” (TLP. 2.032). Portanto, existe uma estrutura contida dentro de uma forma que subjaz o *estado de coisas*. Schmitz (2004, p. 87) argumenta que a estrutura, por um lado, é uma maneira particular de relacionar elementos que se supõem estarem no lugar de objetos na realidade, e, por outro lado, que essa estrutura é uma das muitas que a figura pode ter, estando o conjunto de estruturas determinado ou limitado por certa forma (p. ex. forma espacial, psicológica, lógica etc.).

Para demonstrar o *estado de coisas* juntamente com os objetos dentro de uma estrutura permeada pela forma através de um *fato*, podemos pensar em algum acontecimento com lastro na realidade: o suicídio de Getúlio Vargas em 24 de agosto de 1954 – com um tiro no coração. Os objetos dessa representação são uma arma de fogo, uma pessoa e uma mão; o *estado de coisas* desses objetos, enquanto a arma de fogo tem que estar em estado de uso e carregada, o da pessoa tem que estar viva e a mão precisa possuir os dedos que irão suportar a arma e realizar o disparo. Mas, apenas os objetos e o *estado de coisas* não são suficientes para representar o *fato*, pois falta a estrutura: a estrutura é a relação desses

objetos e seu *estado de coisas*. A mão deve segurar a arma, a palma da mão deve estar apontada em direção ao coração e o dedo no gatilho deve contrair-se para trás realizando o disparo. A estrutura é possível pois existe uma forma, neste nosso exemplo, é a forma espacial, pois esses objetos estão situados no espaço.

Para Wittgenstein, os objetos não precisam representar fidedignamente os objetos da realidade constituinte da morte de Vargas como uma arma de fogo, uma pessoa e uma mão. Portanto, para esse mesmo *fato* descrito – suicídio de Vargas – poderíamos ter uma miniatura de boneco representando uma pessoa e um objeto representando uma arma. Desde que sua estrutura e *estado de coisas* possuíssem similitude com o *fato* representado.

O *estado de coisas* apresenta-se no mundo através do *plano físico, conceitual* ou *aplicado*.

O *plano físico* tem como características comportar o *estado de coisas* relacionado ao *objeto de percepção* considerando as propriedades do objeto. Assim, por exemplo, a laranja possui uma forma de *estado de coisas*, no *plano físico*, pois ao utilizar-se da percepção sensorial atribuímos propriedades e atributos que representam a classe laranja: cor, textura, tamanho, espécie etc.

O *plano conceitual* repousa sobre o *estado de coisas* relacionado ao *objeto de não percepção sensível* ou mesmo ao *objeto do pensamento* – uma vez que é possível formular um conceito apenas no pensamento. Desta feita, conclui-se que ao utilizar o pensamento, podemos mensurar os atributos conceituais de uma laranja, sendo sua composição química $C_6H_8O_7$, pertencendo à família *Rutaceae* etc.

E, por último, o *plano aplicado*. Ao utilizar os meios técnicos aplicados à ciência, podemos notar outro *estado de coisas*, como ao visualizar a representação de uma laranja, em um gráfico 3D em um jogo de computador sendo saboreada por um personagem – este exemplo representa a aplicabilidade dos atributos físicos da laranja através da utilização artificial por meio da técnica de desenvolvimento de software tão comum na era técnico-científico-informacional.

O *fato do estado de coisas* possuir característica física, conceitual e aplicada permite que o *estado de coisas* dentro do espaço lógico represente quaisquer coisas no mundo. O *estado de coisas* atua como uma cola entre os objetos, a conexão desses objetos forma uma determinada configuração. A configuração de coisas pertence a uma estrutura de estado de

coisas. O *mundo* é cercado por inúmeras estruturas de coisas. Além disso, a existência da configuração de coisas apenas é possível no mundo, pois para existir fora do mundo deveria existir fora da lógica e para além da lógica nada há, exceto contrassenso e o contrassenso não representa o mundo.

Em linhas gerais, podemos entender o *estado de coisas* como o *status quo* ou o *estado da arte*, porém em uma visão atômica e orientada pela linguagem lógica respaldada pela proposição, pois tanto o *status quo* quanto o *estado da arte* determina um momento mais abrangente e estático que sua alteridade não acontece instantaneamente. Em contrapartida, o *estado de coisas* é volátil e dinâmico.

3.3. Figuração

O conceito de *figuração*⁸ no estatuto da ontologia de Wittgenstein tornou-se a pedra de toque para a completude do TLP. Faustino (2006, p.39), ao discutir a importância do conceito de *figuração*, salienta que Wittgenstein definiu a ontologia no TLP, apenas depois de conceber, por último, o conceito de *figuração*:

Quando se compara o texto dos *Notebooks* com o do *Tractatus*, facilmente se nota que só à altura do aforismo 2.1515 começam temas já tratados nos *Notebooks*. Esse caráter tardio dos aforismos “ontológicos” é o mais forte indício de que a ontologia do *Tractatus* só veio a ser estabelecida depois de Wittgenstein ter lapidado de modo conclusivo o conceito de “figuração”.

Wittgenstein no TLP descreve sua concepção de *figuração* na segunda tese (TLP, [2.1 - 2.225] p.135-139). Para Wittgenstein, a realidade nos fornece uma imagem e podemos criar imagens análogas às imagens da realidade. Hacker (2000, p.3), complementa ao dizer que para que a realidade seja descrita, temos que construir figurações que sejam isomórficas a ela.

8. A palavra original que Wittgenstein utiliza ao expor sua teoria é *Bild*, cujas traduções para português são imagem, figura, figuração, quadro, pintura, gravura, retrato.

A primeira vez que Wittgenstein menciona o termo *figuração* no TLP é no aforismo 2.0212. Porém, o termo não é explicado pelo autor. No entanto, a partir do aforismo 2.1 Wittgenstein deixa transparecer sua ideia acerca da *figuração*. Os aforismos mais famigerados acerca da concepção de *figuração* para Wittgenstein seguem descritos nos aforismos representados abaixo:

- (1) “Figuramos os fatos” (TLP,2.1)
- (2) “A *figuração* representa a situação no espaço lógico, a existência e a inexistência de estados de coisas” (TLP, 2.11)
- (3) “A *figuração* é um modelo da realidade” (TLP, 2.12)
- (4) “Aos objetos correspondem, na *figuração*, os elementos da *figuração*” (TLP, 2.13)
- (5) “Os elementos da *figuração* substituem nela os objetos” (TLP, 2.131)

E um último emblemático:

- (6) “A *figuração* é um fato” (TLP, 2.141)

Percebe-se, por meio do aforismo 2.1 e 2.141, que Wittgenstein associa uma relação de dependência alta entre *figuração* e *fato*, isto é, a existência da *figuração* depende da existência do *fato*. O *fato* para Wittgenstein é a representação da relação entre pensamento e mundo real; o conceito de *fato* será tratado em maiores detalhes adiante.

Sobre a *figuração* podemos concluir que ela encapsula um *fato*. Em outros termos, uma *figuração* possui inúmeros *fatos*, do mesmo modo que uma biblioteca possui inúmeros livros. Conceitualmente, por existir esse encapsulamento atuando como se fosse um embrulho é impossível alcançar o *fato* sem antes atravessar a *figuração*, da mesma maneira que é impossível pegar um livro da biblioteca sem antes acessar a dependência da biblioteca.

A *figuração* cumpre o *papel* conceitual então de gerenciar a existência e a inexistência das coisas. Wittgenstein colocou esta afirmação em outros termos, porém com simetria ao raciocínio anterior ao dizer “A *figuração* afigura a realidade ao representar uma possibilidade de existência e inexistência de estado de coisas” (TLP, 2.201).

Wittgenstein pensa, dessa maneira, que se algo existe no *mundo* a sua existência é possível porque existe um *estado de coisas* dentro de uma estrutura toda permeada por objetos. Pode-se afirmar, desta feita, que a existência do *homo sapiens* é possível devido a razões puramente lógicas que podem ser representadas através da *figuração*, tais razões podem ser meticolosamente elucidada pelo *fato* da Física e Química, pois através dos *fatos* da Química se explica toda a matéria do corpo humano enquanto por meio da Física se

evidenciam todos os processos elétricos que são fundamentais para nosso sistema nervoso.

Pelo fato da existência e inexistência da realidade subordinarem-se à *figuração* no *plano conceitual* resulta-se em duas sortes de imagens: imagem da realidade e imagem representativa da realidade. A imagem representativa da realidade pode ser caracterizada por uma foto, um desenho, uma partitura ou uma radiografia, dependerá muito do *espaço lógico* em questão; assim, por exemplo, no *espaço lógico* da Medicina, um paciente enfermo representa uma imagem real de um organismo açoitado por uma doença, bem como temos diagnóstico por imagem que é uma imagem representativa dessa realidade médica. Similarmente, em uma delegacia um retrato falado representa a imagem de um criminoso, tal retrato representa uma imagem de um *fato* contido na realidade. A música é real, pois podemos escutá-la e senti-la, a partitura é uma imagem representativa dessa realidade, um maestro talentoso ao ler uma partitura pode sentir a música da mesma forma que se estivesse em um concerto. Wittgenstein pretende dizer que tudo na realidade são imagens e que para todas essas imagens existem possibilidades de se criar imagens representativas, como se fossem sombras deixadas pela projeção da realidade e, através dessas sombras, podemos mostrar a realidade.

3.4. Fatos

O projeto ontológico descrito na teoria da *figuração* tem o *fato* como um elemento essencial. Sendo apenas no nível do *fato* a possibilidade da representação das substâncias extralinguísticas – a realidade. Wittgenstein evidencia que a relação da representação-pensamento e a representação-mundo-real não pertence a proposição, mas ao *fato*, pois a coisa simples representa o objeto real, mas não pode conceber a realidade. Segundo Wittgenstein, apenas através do *fato* a realidade pode ser concebida; dessa concepção decorrem os seguintes aforismos:

- (1) “O mundo resolve-se em fatos” (TLP, 1.2)
- (2) “O fato é a existência de estado de coisas” (TLP, 2)

Considera o filósofo austríaco, desse modo, o *fato* como sendo um conjunto de proposições responsável por conectar a linguagem ao *mundo*, isto é, o *fato* representa uma identidade estruturante entre o universo físico e a linguagem.

Pierre Hadot comenta esta relação exacerbando a posição do *fato* dentro da teoria da *figuração* de Wittgenstein da seguinte forma:

Cada fato simples aparece como uma relação de objetos, que os nomes representam nas proposições simples. Pode-se então obter a seguinte correspondência: nome – objeto; proposições elementares – fatos simples; proposições complexas – fatos complexos. E, prosseguindo com o paralelismo, a linguagem aparecerá como o conjunto de proposições; o mundo como o conjunto de fatos simples. O mundo aparecerá assim como um conjunto de fatos, não como um conjunto de objetos. (HADOT, p.47)

O *fato*, para Wittgenstein, cumpre o papel de unir o universo físico e a linguagem resultando em uma expressão dinâmica e não estática, esta expressão no que tange a perspectiva wittgensteiniana é conhecida como realidade.

Podemos falar de duas categorias de *fato*: atômico elementar e atômico complexo. Além disso, o *fato* também pode ser *positivo* ou *negativo*.

O *fato* atômico elementar resulta de *objeto* simples, estes *objetos* simples representam a substância do mundo – representa o que é material no mundo. O *fato* atômico não pode ser subdividido em nenhum outro *fato*. Acerca dessa relação entre objetos e fato Max Black (1964) na obra *A companion to Wittgenstein's Tractatus* comenta:

Os objetos simples são o material do qual os fatos atômicos são construídos. A forma de um objeto e sua possibilidade de ocorrência em um fato atômico. [...] Nos podemos pensar nas formas de objetos sobre as manifestações de restrições sobre um conjunto de objetos, a forma de objetos junto com um conjunto de objeto pode combinar-se e produzir um fato atômico. (BLACK, p. 57, tradução minha)

O *fato* atômico complexo representa um agregado de fato atômico simples. Para Wittgenstein o *fato* atômico representa o mundo. Paulo Margutti Pinto (1998) comentando a cerca dessa relação dos fatos evidencia que é possível não associar os fatos a nenhum “objeto” resultando em um *mundo* apenas de fatos

A análise dos fatos complexos só leva a outros fatos, ou seja, os elementares. Cada uma das coisas do mundo, tais como este livro, aquela porta, essa pessoa, aquele animal, ao ser analisado de maneira semelhante à foto de Fobos, revelar-se um conjunto articulado de fatos atômicos. Essas “coisas” e “objetos” são, na realidade, fatos complexos. (PINTO, p. 186)

Enquanto o *fato positivo* e o *fato negativo*. O primeiro, representa a existência de um *estado de coisas* na realidade; o último a inexistência do *estado de coisas* na realidade.

Para que um *fato positivo* exista é necessário que o *fato* real e o *fato* representado compartilhem alguma coisa em comum: uma mesma forma. Wittgenstein exemplifica no TLP o *fato* através de uma analogia tirada de uma revista que narrava um processo judicial em Paris pertencente a um acidente automobilístico.

O advogado com o intuito de induzir o juiz a aceitar a tese desejada montou meticulosamente em uma mesa alguns objetos, bonecos e veículos em miniatura, para representar o acidente, colocando esses objetos de tal disposição que representasse exatamente o *fato positivo*.

Dessa situação, Wittgenstein concluiu que o *fato positivo* e *fato negativo* pertencem a um mesmo *espaço lógico*. Em outros termos, a maneira como os objetos estão situados no acidente do fatídico dia pode ser representado por meio de objetos – como fez o advogado, pois a estrutura do *espaço lógico* permite que existe uma similitude desde que a disposição dos objetos esteja exatamente igual tanto na representação realizada pelo advogado quanto do dia do acidente.

3.5. Mundo

Wittgenstein inicia o *Tractatus* dizendo “O mundo é a totalidade dos fatos, não das coisas” (TLP, 1.1). Com essa afirmação Wittgenstein pretende dizer que o *mundo* não é a totalidade dos objetos (um livro, uma caneta, um lápis, etc.) mas a totalidade dos fatos (carregar um livro, escrever com uma caneta, rabiscar com um lápis em uma folha de papel, etc.)

O mundo atua como um verbo, são *fatos* reais descrevendo ações. A história da humanidade é um entrelaçamento de *fatos* geográficos, históricos, biológico, químicos, físicos e matemáticos. Sendo, a partir de um *fato* geográfico que se chega em um outro *fato* em um processo infinito. O *mundo* não é uma relação ponto a ponto, possui um início e uma continuidade representada por *fatos*.

A conceitualização do *mundo* por meio de fatos inaugura uma tese ontológica que parte do princípio elementar que o *mundo* extrapola qualquer consideração materialista de substância ao mesmo passo que se distancia do psicologismo. Por um lado, Wittgenstein no TLP em nenhum momento exemplificou concretamente o significado daquilo que ele chamou de substância do *mundo*, permitindo apenas interpretações a respeito desse significado. Por outro, no que concerne ao psicologismo quando o autor comenta que “O mundo é independente da minha vontade” (TLP, 6.373) reforçando ainda a não existência de um “vínculo lógico entre vontade e mundo” (TLP, 6.374) Wittgenstein torna compreensível sua rejeição ao psicologismo.

Para Wittgenstein então o *mundo* é o resultado de um encadeamento de ocorrências puramente lógica ocorrendo do domínio da linguagem que são representadas, em última instância, pelos fatos. À vista disso, qualquer esforço no sentido de compreender o *mundo*

deve ser empenhado definitivamente no campo da linguagem e da lógica; porém, sem desconsiderar que todos os desdobramentos resultarão em *fatos*.

A elaboração de uma tese ontológica precisa possuir um ponto inicial e outro final: a Wittgenstein não faltou ousadia na definição desses pontos. Para Wittgenstein, o ponto final dos desdobramentos analíticos da linguagem é o *mundo*, para além do *mundo* nada há. Na outra ponta do extremo, temos o ponto inicial sendo um *fato* atômico constituído de objetos simples representados por nomes como relógio, mesa etc.

Para Findlay J. N. (1984, p. 76, tradução minha):

O mundo inclui não meramente o fato que meu relógio está sob a mesa, mas também todos os fatos pertencentes aos componentes do relógio e da mesa, bem como sobre suas composições para formar os objetos [...]

Wittgenstein defende que o *mundo* é constituído de *fatos* mundanos correspondentes a *fatos* linguísticos: a linguagem descreve o *mundo*. Nessa perspectiva, o austríaco afirma que a descrição do *mundo* só é possível por causa dos *fatos* atômicos. Isto é, a análise da linguagem precisa chegar a um ponto de saturação para evitar o regresso *ad infinitum*, em outras palavras, um ponto que não seja mais possível avançar analiticamente. Este ponto de saturação é descrito pelo autor através do termo *substância do mundo*: a substância do *mundo* está nos objetos simples.

Contextualizando o *mundo* em um exemplo simples poderíamos pensar no mundo através de dois *fatos*, poder-se-ia dizer que existe um *fato* representado pelo sapato do leitor que neste momento encontra-se apoiado no piso e outro *fato* representado pelo mesmo sapato localizado neste momento no telhado. Provavelmente o primeiro *fato* descrito deve ser o *fato* real. No entanto, o que se pretende mostrar aqui é a possibilidade da existência de um *fato* dentro do *espaço lógico*, apoiado por considerações puramente lógicas, tendo em vista que para o sapato se encontrar no telhado faz necessário apenas que alguém o arremesse lá. O *mundo* possui esse *devir*, mas o *mundo* é em última instância os *fatos* reais. Assim sendo, se fossemos *figurar* o *mundo* descrito através desses dois *fatos*, a figura do sapato em cima do telhado não existiria.

A apresentação dos dois *fatos* acima evidencia um *mundo* onde uma *coisa* pode existir ou não, mas a possibilidade da existência se apresenta contida previamente na lógica antes mesmo do *fato* existir. Dessa maneira, explica-se a estrutura da lógica do *mundo*.

O *mundo* seria uma grade fixa, estruturada através de uma linguagem lógica precisa

segmentada por trilhões de proposições elementares esperando as possibilidades de *fatos* acontecerem por fatores lógicos. “O mundo é tudo que é o caso” (TLP, 1) e “A realidade total é o mundo” (TLP, 2.063).

4. Conclusão

Neste trabalho foi abordado os elementos fundamentais para o entendimento do *Tractatus Logico-Philosophicus* representado no primeiro Wittgenstein, na sua perspectiva ontológica. Portanto, versou-se acerca do *espaço lógico, figuração, coisas, estado de coisas, fatos e mundo*. Além disso, também foi exposto o problema ao qual Wittgenstein procurou resolver, bem como o método filosófico de análise empregado pelo autor para a investigação e proposta de resolução desse problema.

Outro importante aspecto apresentado neste trabalho diz respeito a demonstração da proposição wittgensteiniana na sua concepção teórica, sua relação com a realidade por meio de acepções linguísticas através de *fatos*; procurou-se, portanto, evidenciar a fundamental importância da relação entre linguagem e proposição no projeto filosófico de Wittgenstein, pois sem tal relação toda essa filosofia wittgensteiniana não poderia ter sido concebida.

7. Referências Bibliográficas

CHILD, W. **Wittgenstein**. Porto Alegre: Penso, 2013.

Corrêa, R. S. (2009). **Pensamento e Figuração no TRACTATUS LOGICO-PHILOSOPHICUS**. Revista De Filosofia Aurora, 21(29), 425–435.

COSTA, C. F. **Filosofia da Linguagem**. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

COSTA, P. H. S. **Nome, Objeto e Sentido: Realismo e Antirealismo no Tractatus**. Orientador: Mauro Luiz Engelmann. 2016. 188 f. Dissertação (Mestrado) – Curso de Filosofia, FFCH, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2016.

FAUSTINO, S. **A experiência indizível**. São Paulo: Editora Unesp, 2006.

GLOCK, H.J. **O que é Filosofia Analítica?** Porto Alegre: Penso, 2011.

HACKER, P. M. S. **Wittgenstein**. São Paulo: Editora Unesp, 2000.

HADOT, P. **Wittgenstein e os limites da linguagem**. São Paulo: É realizações Editora, 2014.

HEGENBERG, L. **Lógica**. 3. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2015.

FINDLAY, J. N. **Wittgenstein: A critique**. Boston: Routledge & Kegan Paul plc, 1984.

MARCONDES, D. **Filosofia Analítica**. 1. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2004.

MARQUES, E. **Wittgenstein & e o Tractatus**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

PLATÃO. **A República**. 2. Ed. Trad. J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 2018

PINTO, P. R. M. **Iniciação ao Silêncio: Análise do Tractatus de Wittgenstein**. São Paulo: Edições Loyola, 1998.

RODRIGUES, L. P.; LINHARES, O. B. **PENSAMENTO, LINGUAGEM E MUNDO NO PRIMEIRO WITTGENSTEIN**. In: XVIII - JORNADA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA - JIC - 2022, 2022, São Paulo. Programa Institucional de Iniciação Científica - ISSN 2526-4699, XVIII - JORNADA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA - JIC - 2022, 2022.

RUSSELL, B. **Introdução**. In: WITTGENSTEIN, L. **Tractatus Logico-Philosophicus**. 3. ed. São Paulo: EdUsp, 2020.

SCHMITZ, F. **Wittgenstein**. São Paulo: Estação Liberdade, 2004.

WITTGENSTEIN, L. **Tractatus Logico-Philosophicus**. 3. ed. São Paulo: EdUsp, 2020.

_____. **Cardernos 1914-1916**. 1. ed. Lisboa: Edições 70, 2004.